

# A carta tardada: notas para uma abordagem crítico-semiológica da correspondência Winnicott-Lacan

Roberto Barberena Graña<sup>1</sup>

Resumo: Este ensaio crítico circunscreve uma troca de cartas entre Lacan e Winnicott no início dos anos 1960, anos decisivos para a resolução político-administrativa de um impasse que se arrastava há sete anos, produzindo tensão crescente na relação da nova Sociedade Psicanalítica Francesa – fruto da ruptura do grupo liderado por Jacques Lacan – com a Associação Psicanalítica Internacional, procurando trazer à luz as significações elíptica e transversalmente implicadas nesses escritos – verdadeiros hipertextos – que demarcam duas posições institucionais distintas atravessadas por um elemento passional apenas dissimulado pelas gentilezas mútuas e pelas referências protocolares.

Palavras-chave: Winnicott; Lacan; correspondência; crítica semiológica; conotação; sentido; espelhamento.

*Interpretar um texto não é dar-lhe um sentido (mais ou menos embasado, mais ou menos livre), é, ao contrário, estimar de que plural é feito.*

Roland Barthes (S/Z, 1970)

*Um enunciado tem sempre margens, povoadas de outros enunciados. Essas margens se distinguem do que se entende geralmente por “contexto”.*

Michel Foucault (A arqueologia do saber, 1969)

## O *milieu*

Em 1953 Winnicott viajou a Paris liderando formalmente um comitê da IPA destinado a examinar a candidatura da nova Sociedade Francesa de Psicanálise, que postulava sua filiação à *International Psychoanalytical Association*. A SFP era na sua grande maioria composta por ex-membros e candidatos da Sociedade Psicanalítica de Paris, com a qual Jacques Lacan, seguido pelo grupo que o apoiava, romperia em decorrência das restrições da IPA a sua prática das sessões curtas, suas idiossincrasias pessoais (modos extravagantes de vestir e falar), seu excesso de autonomia e ao papel

<sup>1</sup> Psicanalista. Membro titular da IPA e membro convidado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre SBPdePA. Doutor em Letras pela UFRGS, professor e supervisor do Instituto Contemporâneo de Psicanálise e Transdisciplinaridade (Porto Alegre).

desempenhado pela idealização nas suas relações com alunos e supervisionandos no marco institucional.

A comissão era composta, além de Winnicott, por Phyllis Greenacre, Willi Hoffer e Jeanne Lampl de Groot, a qual fora encarregada de entrevistar os líderes do que foi, eventualmente, considerado pela IPA uma rebelião. Winnicott ocupou-se principalmente com a condução dos trabalhos, mas na condição de clínico da infância entrevistou Françoise Dolto, que era, como ele, psicanalista de crianças – além de ser uma grande amiga, discípula e parceira institucional de Lacan ao longo da vida. Ele considerou sua prática clínica qualificada e sugeriu que ela fosse mantida no quadro da nova sociedade; não foi, porém, favorável à indicação de Dolto para a função de didata. Segundo Winnicott, ela não tinha um método definido e “suscitava em relação a sua pessoa uma transferência selvagem”. Por conta disso, recomendou que ela não tivesse contato com os jovens (candidatos), em seminários e análises de formação, para que estes não sofressem diretamente a sua influência. Embora Winnicott tivesse elogiado o talento clínico de Dolto, a comissão, segundo Elisabeth Roudinesco, fez

um julgamento tão negativo sobre sua prática quanto sobre a de Lacan. A este último reprovou acima de tudo as sessões curtas. Ao que eram acrescentadas críticas de outra natureza: sedução em relação aos alunos, incapacidade de analisar a transferência, risco de uma influência demasiado grande e prejudicial no interior da SFP. (Roudinesco, 1993, p. 254).

A forma assumida por esta intervenção e os efeitos político-administrativos determinados por seu relatório seriam talvez suficientes para que a relação Winnicott/Lacan se visse de início inviabilizada, tendo em vista especialmente a grande suscetibilidade narcísica de um Lacan que apenas começava a destacar-se no cenário psicanalítico internacional pela originalidade de suas ideias (1953 foi também o ano em que ele escreveu *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise* [Lacan, 1953/1999a], o seu famoso Discurso de Roma, e em que sistematizou o seu ensino sob a forma de *Seminários*). Não obstante, isso não aconteceu. Por razões não totalmente compreensíveis, nos anos seguintes Lacan se mostraria cada vez mais interessado pelos escritos de Winnicott e, em seu Seminário dos anos 1956-1957, *A relação de objeto* (Lacan, 1994), ele teria Winnicott como uma referência constante, recorrendo com frequência ao seu conceito de objeto transicional, o qual considerava um dos mais importantes conceitos psicanalíticos forjados no pós-Freud. “Foi a partir dele que formulamos inicialmente o objeto *a*”, dirá Lacan em seu resumo de *O ato psicanalítico*, seu Seminário dos anos 1967-1968 (Lacan, 1969, p. 376).

Da criação da Sociedade Francesa de Psicanálise, em 1953, até o afastamento definitivo de Lacan dos quadros da IPA, em 1963 – acontecimento ao qual ele se referiria sarcástica e ressentidamente como “O expurgo” ou “A excomunhão” – passaram-se dez anos tensos para a comunidade psicanalítica francesa, particularmente para o grupo lacaniano. Em 1959, durante o congresso de Copenhague, designou-se um novo *visiting committee* com a finalidade de mais uma vez examinar a candidatura da nova instituição, que há seis anos permanecia emperrada. Diferentemente do anterior, este novo comitê estava investido de preconceitos e influenciado por alguns mitos que afetavam e enfeitavam negativamente a situação crítica da psicanálise na França. Segundo Roudinesco, o comitê mais se assemelhava a uma comissão de inquérito, não possuía nenhuma personalidade célebre do movimento freudiano, como um Winnicott (embora fosse liderada por Paula Heimann, uma ex-kleiniana em ascensão) e, sendo ligado a Marie Bonaparte, assumira o compromisso tácito de preservar a legitimidade e a exclusividade da Sociedade Psicanalítica de Paris.

Os dois relatórios redigidos por Pierre Turquet, único membro deste comitê favorável à permanência de Lacan nos quadros da *International* (os outros dois, Ilse Hellman e Pieter Van der Leeuw, eram hostis aos contestatários e nunca chegaram a entender a importância da pessoa e do pensamento de Lacan, acreditando que a psicanálise não era mais que uma terapêutica e que a obra de Freud não deveria ser interpretada à luz dos conhecimentos filosóficos) foram, ao fim, negativos para o grupo francês. Turquet, que era a princípio um simpatizante e admirador de Lacan, e que num primeiro momento esforçou-se juntamente com Granoff e Leclair<sup>2</sup>, analistas da IPA e lacanianos ardorosos, para legitimar a nova Sociedade e a função de Lacan como didata, esperava que Lacan concordasse com a redução do número de seus analisandos e com a normalização do tempo das sessões. Imbuídos do mesmo espírito, Leclair e Granoff asseguraram-lhe que isso seria possível, embora soubessem intimamente que Lacan dificilmente se submeteria a estas condições. Turquet pode certificar-se, entretanto, por meio de longas séries de interrogatórios com membros e candidatos da SFP, realizados entre 1961 e 1963, de que

Lacan não apenas não renunciava à sua prática, mas continuava a aumentar o número dos seus analisandos, embora, diante da comissão, jurasse em alto e bom som que suas sessões eram de duração normal.

(Roudinesco, 1993, p. 257)

---

2 Wladimir Granoff, Serge Leclair e François Perrier, constituíram a assim chamada Tróica, e foram os mais bravos guerreiros lacanianos a defender a legitimidade freudiana do ensino do Mestre/ Senhor e a importância, para Lacan e para a Internacional, da sua permanência como didata na SFP e no interior dos quadros da IPA.

A posição de Turquet, segundo tudo indica, não poderia ter sido mais correta e mais coerente do que foi. Apercebendo-se de que se encontrava frente a uma situação de complexidade maior e capaz de despertar paixões as mais intensas e conflitantes (três quartas partes dos membros da SFP, que eram constituídas pelos alunos mais jovens e menos brilhantes, divinizavam Lacan e desejavam a sua permanência como didata da SFP, sendo que os demais, mais brilhantes, experientes e autônomos, reservavam-se ao falar da prática de Lacan, embora admirassem a sua inteligência e o seu ensino), ele ateu-se a uma ética que temperava as exigências do Executivo Central da IPA com as suas próprias percepções e juízos, e que o levou a sugerir a permanência de Lacan nos quadros da SFP e da IPA impedindo-o, porém, do exercício da função didática.

Elisabeth Roudinesco esclarece as razões de tal decisão, aparentemente digna e justa:

Porque segundo os critérios da IPA, os métodos de Lacan eram inaceitáveis. O homem fazia promessas que não cumpria, seduzia seus pacientes e estes mostravam-se ora demasiado servis em relação a ele, ora demasiado rebeldes. Em uma palavra, Lacan era um “líder carismático” e não um técnico da didática. (Roudinesco, 1993, p. 258)

Roudinesco compara e contrasta a situação de Lacan na Sociedade Francesa com a situação de Klein na Sociedade Britânica e destaca o ponto que determinou a diferença nas circunstâncias institucionais e nos termos de tolerância que definiram as posições normativas e as conclusões em cada caso:

Tudo isso é verdade, mas Pierre Turquet e Paula Heimann bem sabiam que tais fenômenos de transgressão, de culto e de sedução tinham existido em mesmo grau na BPS, na roda de Melanie Klein. Ora, o kleinismo permanecera um componente essencial da IPA. Deve ser dito que Klein e os membros de seu grupo haviam elaborado uma doutrina da análise tecnicamente aceitável pela IPA, o que não era de fato o caso de Lacan entre 1960 e 1963... (Roudinesco, 1993, p. 258)

O “banimento” sobreviria um mês após o congresso de Londres, ocasião em que Lacan pretendeu expor e explicar a sua doutrina frente às autoridades da IPA. Ao longo de sua exposição, porém, atrapalhou-se com a língua inglesa e acabou solicitando ajuda da audiência para traduzir alguns conceitos seus, ao que esta respondeu com um total silêncio, o que o fez desistir de argumentar e abandonar a sala indignado. A decisão final da IPA foi-lhe comunicada em agosto de 1963, quando participava

de um seminário em Estocolmo. Era, sem dúvida, um trágico epílogo para o percurso institucional de um homem trágico.

## As cartas

Foi neste íterim (1960-1963) que Winnicott e Lacan trocaram cartas, as duas únicas de que se tem notícia, embora eles já houvessem compartilhado outros momentos, ideias e informações conforme se depreende do conteúdo das próprias cartas. A carta de Winnicott, datada de 11 de fevereiro de 1960, é breve e parece ter a finalidade de responder a uma oferta espontânea (mas provavelmente movida por propósitos políticos de reaproximação com a matriz) de Lacan para realizar uma conferência em Londres e de agradecer a Lacan a gentileza de haver traduzido e publicado em Paris o seu trabalho clássico sobre os fenômenos e objetos transicionais (Winnicott, 1951).

Winnicott o trata por “Caro Dr. Lacan” e inicia dizendo estar muito contente por ter em suas mãos o último número da revista *La Psychanalyse*, criada por Lacan, onde havia acabado de sair a tradução do seu escrito. Ele agradece a Lacan pelo grande cuidado que tomou com todos os detalhes da tradução e diz sentir-se em dívida com este não apenas por isso, mas também pelo fato de seu artigo estar agora disponível em língua francesa. Logo, referindo-se a um trabalho que Lacan lhe havia enviado para que o lesse e comentasse, um escrito sobre a teoria do simbolismo de Ernest Jones (Lacan, 1966b), revela que não havia ainda conseguido “assimilar propriamente o seu sentido ou avaliar a sua significância”. Trata-se aqui, obviamente, de significância (*significance*) no sentido de importância, e não de significação, já que a referência ao sentido havia sido feita imediatamente antes com o emprego da palavra *meaning*. Em se tratando de um homem de gênio como Winnicott, no qual Lacan parecia às vezes vislumbrar um outro especular de língua inglesa, pode-se supor o efeito desconcertante desta sincera confissão sobre o narcisismo abalado do emergente mestre francês. O parágrafo que segue é constituído de um único período, no qual Winnicott aponta um erro de grafia em seu nome. Ele observa que, diferentemente de como está impresso na revista, o seu sobrenome se escreve com duplo “t” (Winnicott), acrescentando, porém, e denegativamente, que este tipo de coisa não o preocupa. Na sequência, Winnicott passa rapidamente ao segundo – e mais delicado – assunto que motiva a sua missiva, assegurando a Lacan que não se esquecera que ele lhe havia perguntado se poderia apresentar um *paper* em Londres e que, sem dúvida, Lacan o estaria achando desleixado a respeito desse pedido. Assumindo um tom político-administrativo de quem está já participando do processo há algum tempo e conhece a complexidade da situação da psicanálise francesa, escreve Winnicott:

De fato você entenderá o que eu quero dizer quando afirmo que foi primeiramente necessário para a Sociedade (britânica) convidar oficialmente um Membro (titular) da Sociedade Psicanalítica de Paris. Agora eu acredito que isto foi arranjado, que alguém virá para conferenciar, e então nós estaremos livres para convidá-lo<sup>3</sup>. Eu lamento que isto tenha de ser solucionado desta maneira, mas eu também lamento pela cisão (*splitting*) na psicanálise francesa e desejo o tempo todo que possa haver uma reconciliação (*reunion*)<sup>4</sup>. Eu temo que os maus ânimos tenham se intensificado a tal ponto que a situação dificilmente possa ser remediada, mas do meu ponto de vista as pessoas em cada lado da controvérsia são ainda bastante humanas, homens e mulheres comuns que estão lutando por algo que cada um acredita ser bom<sup>5</sup>.

No último parágrafo, e num outro tom que parece servir ao propósito de suavizar a linguagem e aliviar a tensão contida no texto – e certamente produzida no receptor pelos parágrafos que o antecedem –, Winnicott comenta que sua esposa (Claire) relembra com o maior prazer o jantar que Lacan lhes ofereceu no seu apartamento, em Paris, ocasião em que a filha de Lacan havia quebrado uma garrafa de vinho na cozinha. Acrescenta ainda os seus votos de que ela esteja bem, desejando o melhor para todos eles.

O provável impacto emocional da carta de Winnicott sobre Lacan foi tal que ele demorou seis meses para respondê-la. Sua réplica é datada de 5 de agosto de 1960<sup>6</sup>. Dirigindo-se a Winnicott como “Muito caro amigo”, ele diz carregar consigo a carta de Winnicott desde 12 de fevereiro, havendo-a recebido, portanto, um dia após ela lhe haver sido enviada. Queixando-se de um excesso de trabalho e de completa ausência de descanso, Lacan explica que apenas depois de alguns dias de férias sentiu-se em condições de ocupar-se da resposta à carta de Winnicott a seu gosto. (Tenha-se em mente que esta não tarda apenas alguns dias, ou mesmo semanas,

- 
- 3 A fórmula paradoxal “estaremos livres para convidá-lo” conota, algo ironicamente, a ausência de espontaneidade do convite realizado, o qual é de fato uma espécie de concessão amistosa administrada institucionalmente pela influência política e intelectual de Winnicott, que pretende atender o pedido do amigo sem desatender e desconsiderar, de outra parte, tanto os entraves burocráticos e exigências protocolares quanto a antipatia dominante na IPA e na BPS com tudo o que estava relacionado à cisão da psicanálise francesa e ao nome de Lacan.
  - 4 Da mesma forma aqui, Winnicott está implicitamente indicando que a intransigência ou intolerância da IPA está de certo modo justificada pela soberba e turbulência que acompanha o movimento dos secessionistas franceses. Ao dizer que lamenta ambos os fatos, Winnicott sugere também que, a seu juízo, eles se interdeterminam logicamente.
  - 5 Tradução minha do original inglês, editado por Rodman, F.R. (1987) *The Spontaneous Gesture: selected letters of D.W. Winnicott*. Harvard University Press, London, England.
  - 6 Esta carta foi por mim traduzida do francês e está publicada na revista *Natureza Humana*. Vol. 7, Nº 2, julho-dezembro de 2005, podendo ser também acessada na Internet pelo link: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1517-24302005000300008&script=sci\\_arttext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1517-24302005000300008&script=sci_arttext).

mas meio ano, o que torna essa explicação não apenas inconsistente, mas algo cínica e mesmo bizarra). Logo após dizer que a sua releitura o faz degustá-la (a carta de Winnicott) como uma gentileza recente, Lacan acusa a vergonha que sentiu pelo erro na grafia do nome de um autor que estava honrando o sumário de sua revista. Exagerando nas escusas, ele responsabiliza-se pessoalmente pelo equívoco (“aquele que corrigiu as provas, embora conhecendo seu nome, bem como seus artigos, não constatou o erro de impressão”) e assevera: “O ridículo afeta todos nós; não o tome como uma ofensa”. Observe-se como o emprego hiperbólico dos substantivos *ridículo* e *ofensa*, relacionados a um lapso que não parece ser suficiente para produzir nem um nem outro no autor ou no tradutor, conota os ânimos exaltados que perpassam o texto e afetam intimamente o sujeito dessa escrita notavelmente melindrada. A formação reativa que motiva e possibilita a redação, por demais postergada, desta carta-resposta melhor evidencia-se na gentileza irônica que transparece no parágrafo seguinte, onde referindo-se ao pedido que fizera a Winnicott para ler um trabalho seu na Sociedade Psicanalítica Britânica, Lacan o reapresenta agora, invertendo a situação, como um convite que lhe teria sido formulado por Winnicott:

Com referência à oferta amável que você me faz de ir falar na Sociedade de Londres, como não ser sensível a ela quando se cerca de explicações tão profundamente benévolas? Apresentadas conforme são, como eu pensaria em melindrar-me com essas conveniências, mesmo se elas me recordam aquilo que constantemente me fere?<sup>7</sup>

Eu estava demasiado atarefado para responder ao seu convite antes das férias (eu havia recebido sua carta ao retornar de Bruxelas, onde realizei duas conferências). Mas irei no começo do ano, quando convier a você e nas condições que você estabelecer.

Este excesso de gentileza, sabemos nós, é absolutamente incomum em Lacan, exceto nas situações em que se encontra extremamente necessitado da atenção ou dos favores de alguém ou em que refina fidalgamente a linguagem para mais plenamente exercitar o sarcasmo e a ironia. Neste caso particular talvez os dois propósitos se associem, atravessados conflitivamente por uma autêntica admiração da inteligência e da pessoa de Donald Winnicott. As “conveniências” cercadas de explicações benévolas, e que magoam profundamente a Lacan, são de fato exigências ou condições que remarcam a sua submissão hierárquica à burocracia de uma instituição na qual não tinha já como simpatizantes a maioria de seus pares. A antífrase, sustentada ao longo da frase – como iria ele melindrar-se justamente com aquilo que

7 O efeito de sentido produzido pela contradição intrínseca a estas duas frases ressoa ligeiramente extravagante, aparentando-se a certos enunciados enigmáticos que, quando são proferidos por determinados pacientes psicóticos, espantam-nos pela sua incoerência ideo-afetiva radical.

constantemente o fere? – mais explícita do que oculta a ferida provocada pela carta de Winnicott, que, de outra parte, terá sido talvez tão subversor da leitura canônica do texto freudiano quanto Lacan, com a diferença de que declarava francamente a sua ambivalência transferencial – algo anárquica – para com Freud e sua obra, sem deixar jamais de pertencer à Internacional e à BPS e mesmo de ocupar ali cargos administrativos importantes.

Lacan não perde, entretanto, a oportunidade de informar Winnicott sobre suas andanças por outros países e instituições, deixando claro que, não obstante haver-se tornado *persona non grata* no interior da IPA, não lhe faltam convites e lugares para palestrar. De fato, sua fala tornara-se já “objeto causa de desejo” em diferentes centros psicanalíticos europeus, e doravante sua presença será cada vez mais demandada por ouvidos curiosos de escutá-lo ao redor do mundo.

Na sequência, Lacan diz a Winnicott haver consagrado o seu Seminário do corrente ano a “estabelecer as bases de uma Ética da Psicanálise”, um tema audacioso, conforme ele mesmo reconhece. (Parece ser importante para Lacan fazer saber a Winnicott e à IPA que ele se ocupa, nesse momento, com uma temática complexa que implica justamente aquilo que o acusam de desprezar em sua conduta como docente e como clínico). Logo, demonstra haver-se ressentido com o comentário de Winnicott sobre o trabalho que ele lhe enviara acerca do simbolismo em Jones – do qual o inglês não soubera “nem apreender o sentido, nem mensurar a importância” –, atribuindo isto à pouca familiaridade dos psicanalistas com seus conceitos e ideias: “É aí que eu posso sentir o que perde o meu ensino por não ter dentro da nossa comunidade sua difusão normal. E isso me é tanto mais sensível quando se trata de você, com quem me sinto com tantas razões para entender-me”. (Conforme indicado anteriormente, esta afinidade teórica com Winnicott é remarcada por Lacan a cada tanto, e assim o será ainda ao longo da década de 1960).

Após listar as boas razões que possui para atribuir importância à teoria do simbolismo de Ernest Jones e apontar a consonância de determinadas formulações deste com a sua teoria do significante, Lacan reitera, com um evidente propósito de clarificação:

Isso não pode, porém, ser bem compreendido senão por aqueles que sabem o que eu faço girar de decisivo (para o pensamento da nossa ação tanto como para sua técnica) em torno das relações do significante com o real. Posição que resume a afirmação de que a relação do real com o pensado não é aquela do significado com o significante, e que o primado que o real tem sobre o pensado se inverte do significante para o significado.



O mais provável, porém, é que esta tentativa de esclarecimento não tenha contribuído significativamente para ampliar o entendimento de Winnicott sobre o estatuto do significante e sua relação com o real, à medida que é formulada numa linguagem certamente estranha a Winnicott e a tudo que o formou; e embora Lacan recomende a Winnicott que “não se equivoque, não há aí nem idealismo nem mesmo simples filosofia, mas tão somente esforço para inverter um preconceito cuja falsa evidência se confunde com tudo aquilo que oferece mais obstáculos a nossa experiência”, sua afirmação de que “o significante marca o real tanto ou mais do que o representa” provavelmente soará *abstrusa* (no sentido humeano), senão obscura, para os ouvidos de um britânico, por contrariar estridentemente a premissa da verdade como *adequação do intelecto à coisa*, que orientou o empirismo inglês (fortemente influenciado pela ontologia de Aristóteles) desde a origem. Em Locke, Berkeley e Hume a noção de representação, figura ou imagem é condição de possibilidade da constituição do Eu e do mundo extenso, por mais que toda exterioridade se limite a Deus, segundo Berkeley, e seja para Hume não mais que uma hipótese improvável. Talvez ciente em parte dessa dificuldade, arrematará Lacan: “Tudo o que tenho escrito há sete anos não vale mais que no contexto do meu ensino”.

No seguimento, Lacan (1958/1999b) remonta a um de seus escritos – que seriam reunidos e publicados em 1966 por François Wahl – no qual, dois anos antes, ele realçara a importância de Winnicott e de sua formulação da transicionalidade:

De fora, você não pode saber tudo o que eu construí sobre uma distinção tão simples, decisiva e fundamental como a do desejo e da demanda. Ela aparecerá com vários anos de atraso sob a forma de uma reenunciação de meu relatório de Royaumont (1958) no próximo número de *La Psychanalyse* (você se lembrará talvez do título: “The rules of the cure and the lures of its power”).

A alusão de Lacan a este relatório – “A direção do tratamento e os princípios do seu poder” – posteriormente incluído nos *Écrits*, encontra sua explicação no fato do autor haver-se ali referido elogiosamente à investigação de Winnicott – a qual trata como pesquisa – sobre a gênese do psiquismo com base na observação direta de crianças e ter citado recorrentemente o nome de Winnicott ao longo do seu *Seminário* dos anos 1956-1957, sobre as relações de objeto. No curso da leitura desse relatório encontraremos a seguinte passagem:

E, por havermos nós mesmos retomado, num ano de nosso seminário, os temas da relação de objeto, mostramos o valor de uma concepção em que a observação da criança se nutre da mais precisa reformulação da função dos cuidados maternos na gênese do objeto: referimo-nos à noção de objeto transicional introduzida por D. W. Winnicott, ponto chave para a explicação da gênese do fetichismo. (Lacan, 1966a, p. 88)

Lacan fora, efetivamente, ainda nos anos cinquenta, o primeiro psicanalista francês a apontar a relevância das ideias e conceitos de Winnicott para a redescritção teórico-clínica do pensamento e da prática psicanalítica rumo a seu segundo século. Ele tornou-se, sem dúvida, o grande introdutor da leitura de Winnicott na França e o protagonista da disseminação do conhecimento de sua obra pela intelectualidade francesa na segunda metade do século XX, contemplando com este gesto inclusive os filósofos e os teóricos da literatura, como Gilles Deleuze e Roland Barthes.

Na sequência de sua carta, ressaltando a importância deste conceito, Lacan propõe a Winnicott uma importante questão teórica acerca do estatuto fenomenológico do objeto transicional. Ele escreve:

E, no entanto, como eu me sinto sustentado e de acordo com suas pesquisas em seu conteúdo e estilo. Esse “objeto transicional” do qual eu mostrei aos meus todos os méritos, não indica ele o lugar onde se marca precocemente esta distinção entre o desejo e a necessidade?

Esta interpelação põe em cena o problema do narcisismo, conforme implicado por Winnicott na sua descrição do desenvolvimento emocional primitivo. Se as necessidades somato-psíquicas do *infans* estão em relação imediata com as possibilidades de um *facilitating environment* ou de uma *good-enough mother* de satisfazê-las (entenda-se que, quando Winnicott diz que no início o físico e o psíquico não se distinguem, está indicando, outrossim, que as necessidades biológicas e narcísicas do *self* original devem ser atendidas pontualmente, simultaneamente, especificamente e na medida do requerido, para que o bebê não seja primariamente traumatizado), este ambiente não é ainda, entretanto, reconhecido como um “outro” ou como um objeto propriamente dito. É o meio que o bebê criou fantasisticamente (por ação daquilo que Winnicott denominou sua “criatividade primária”) para atendê-lo – e aqui a descrição de Winnicott assemelha-se notavelmente à de Gilles Deleuze, 1993<sup>8</sup>.

A provisão ou atendimento (Winnicott preferia estas palavras a *satisfação*, que implica a resposta externa a uma urgência instintiva ou pulsional) das necessidades

---

8 Em “O que as crianças dizem”, incluído em *Crítica e Clínica*, Deleuze dirige a Freud, em sua releitura do *Pequeno Hans*, uma crítica intimamente afinada com o pensamento de Winnicott: “Freud, no entanto, conforme seu hábito, reconduz tudo ao pai-mãe: estranhamente a exigência de explorar o imóvel parece-lhe um desejo de dormir com a mãe. É como se os pais tivessem lugares ou funções primárias, independentes dos meios. Mas um meio é feito de qualidades, substâncias, potências e acontecimentos: por exemplo a rua e suas matérias, como os paralelepípedos, seus barulhos, como o grito dos mercadores, seus animais, como os cavalos atrelados, seus dramas (um cavalo escorrega, um cavalo cai, um cavalo apanha...). O trajeto se confunde não só com a subjetividade dos que percorrem um meio mas com a subjetividade do próprio meio, uma vez que este se reflete naqueles que o percorrem”. (p. 73)

primordiais do *infans* seria o trabalho prévio que pavimentaria o terreno para a entrada em cena dos mecanismos introjetivo-projetivos e para o exercício do desejo e das pulsões na relação com um outro/objeto emergente. O futuro objeto do desejo, para Winnicott, é constituído justamente pela progressiva afirmação deste “outro” em sua condição de externalidade; outro que Winnicott descreve desde a sua origem – e antecedendo a qualquer diferenciação – como a “mãe-objeto”, a mãe dos *exciting states*, que responde prontamente à manifestação da excitação do bebê tranzido pela fome e pela sede (alimentando-o em seu seio), em contraponto com a mãe-ambiente, a mãe dos *calm states*, que realiza o trabalho sujo (segurar, embalar, trocar, banhar etc.) sem que o *infans* tenha a mínima consciência de sua presença e importância em sua vida. Este estágio, que Winnicott denomina indistintamente de dependência absoluta, de estágio do *holding* ou de narcisismo primário está, portanto, centralizado na provisão das necessidades básicas do bebê. A atenção confiavelmente repetida no tempo para com as necessidades fundamentais do *infans* condicionará a demanda, que cada vez mais se endereça a um outro específico o qual o *infans* irá progressivamente distinguir dos demais (o objeto do *attachment*, de Bowlby), e é a este outro em processo de distinção, a este objeto em devir, que nós poderemos, possivelmente, denominar de objeto do desejo em Winnicott.

A parte final da carta colore-se de um leve matiz melancólico quando Lacan expressa preocupação pelo fato de seu ensino, além de transitar pela via não oficial, processar-se sobretudo no plano oral, discursivo, e poder vir a ter como destino funesto o esquecimento. Ele afirma que deve agora “reunir todo esse esforço em uma obra que fixe disso o essencial. Mesmo se eu não tivesse tempo de fazê-lo, sei que um impulso é dado a um grupo ou uma direção será preservada o tempo suficiente para ser transmitida, ainda que se esqueça sua origem”. Este borramento dos começos é, entretanto, tudo o que Lacan não deseja para si; as concepções estruturalistas que destacam a autonomia linguageira do significante (com o desaparecimento nominal da autoria e do sujeito das origens) servem-lhe para o enviesamento criativo da sua redescritção teórica, mas estão longe de acenar com um futuro feliz para o sujeito de um narcisismo tão particular. Reiterando o sentimento de solidão que o acompanha, malgrado o engrossamento extra oficial das fileiras de seguidores fascinados, Lacan parece esforçar-se também para auto-consolar-se quando escreve: “Como tudo isso será forjado, neste relativo isolamento, não é uma questão que me concerne particularmente. A confusão de línguas no interior da Internacional muito me poupa de lamentar ter continuado minha carreira fora dela”. Alguns parágrafos atrás, porém, vimos já o mesmo Lacan referir-se a estas mesmas circunstâncias – que envolvem o conflito e a iminente expulsão dos quadros da IPA – como “aquilo que constantemente me fere”, e diferentes autores testemunharam e descreveram o sentimento de tristeza e a inconformidade que acompanham Lacan para o resto da vida, relacionados

especificamente a sua exclusão da Associação Psicanalítica Internacional.<sup>9</sup> Seu ressentimento se faria noticiar, a cada tanto, no curso de seus *Seminários e Escritos*, através da forma sarcástica e ressentida pela qual se referia àqueles que, na condição de técnicos ou de burocratas e sem demonstrar maiores méritos intelectuais, aparentavam conquistar algum sucesso científico ou administrativo no interior da instituição oficial; Lacan costumava chamá-los de “ortopedeutas”, “dentistas”, “coxas grossas” etc. Mesmo evidenciando um incomum esforço para fazer saber a Winnicott o quanto se apercebia e sofria com sua atual situação no meio psicanalítico francês e internacional, ele bascula entre uma franca confissão de seu sofrimento e preocupação e uma necessidade de assegurar a Winnicott que sobrevive, e bem, sem o respaldo simbólico da IPA; é nesse sentido que ele encerra o catálogo das suas *personal psychoanalytical news* anunciando a Winnicott que nesse ano fará um congresso sobre a sexualidade feminina, em Amsterdã, por ser este um tema negligenciado desde os trabalhos de Jones, pretendendo, porém, participar brevemente do evento, apenas abrindo o congresso e depois limitando-se a “ver o que darão aqueles que formei”. Privilegiando sempre o plano da conotação – e assim seguindo estritamente a orientação barthesiana (Barthes, 1970 e 1982) – constataremos que o acréscimo é mais uma vez alusivo ao fato de Lacan achar-se continuamente acompanhado de seus seguidores, em quantidade suficiente para que ele organize um congresso internacional e se limite a ouvir o que dirão aqueles – supostamente numerosos – que ele vem formando como psicanalistas independentes da Internacional.

Ao fim da carta a fala de Lacan assume um tom mais terno e pessoal e ele faz um rápido comentário sobre sua família: está passando as férias junto com sua mulher e sua filha mais jovem, Judith (filha de ambos), sendo que a outra, Laurence (enteada de Lacan, e filha de Silvia com George Bataille), à qual Winnicott alude no episódio da garrafa de vinho quebrada na cozinha, deu-lhes muita preocupação nesse ano devido a sua militância política, que acabou por levá-la à prisão, assim como a um sobrinho que vivera em sua casa e participara da resistência à guerra da Argélia.

O último parágrafo está marcado pela mesma delicadeza amistosa e pretende, mais uma vez, esclarecer e justificar a Winnicott as razões desta carta haver tardado seis longos meses:

Que isso complete para você o quadro daquilo que envolve um silêncio demasiado longo. Que isso o ajude a me perdoar, se eu acrescento que meu pensamento está seguidamente dirigido a você e sua esposa, com toda a amizade que nos lhe devotamos em minha casa *for ever*.

9 Cf. especialmente Perrier, F. (1987).

## Epícrise

O conhecedor da biografia e da obra de Lacan está familiarizado com o fato dele haver sido sempre demasiadamente econômico em saudar o talento ou a obra de um autor ou outro em particular. Além de Freud, com quem Lacan parece continuamente pretender mimetizar-se e seguir muito mais à risca do que a leitura de sua obra poderia justificar (ele na verdade promoveu uma desconstrução tão completa e profunda da obra do mestre vienense que seu *retorno a Freud* teve como efeito residual uma efetiva reenunciação da psicanálise sobre bases epistemológicas que se afastam, sensivelmente, das de um Freud que Lacan insiste sempre em reverenciar), apenas Winnicott será reiterada e sinceramente honrado com assinalamentos tão expressivamente afetuosos que contrastam vividamente com as comuns e sardônicas referências de Lacan aos colegas ingleses, norte-americanos e franceses. Surpreendente é o fato destas duas cartas terem sido trocadas num ano em que a negociação da nova Sociedade Francesa de Psicanálise com a Associação Psicanalítica Internacional assumira conotações assaz dramáticas em virtude da apresentação do novo pedido de integração da SFP à IPA, a qual rejeitara já o primeiro pedido encaminhado em 1953 – ano da exclusão de Lacan das funções didáticas na Sociedade Psicanalítica de Paris – e recusaria definitivamente a presente demanda no curso dos três anos seguintes.

Elisabeth Roudinesco ilustrará, pelo próprio tratamento que concede a Winnicott em sua *História da Psicanálise na França* (vol.2), as difíceis e marcadamente ambivalentes relações da comunidade lacaniana e do próprio Lacan com esse indivíduo brilhante, imprevisível, paradoxal (às vezes contraditório) que era Winnicott, capaz de produzir sentimentos intensos e reações contrastantes entre seus colegas e convivas. Sobre a disseminação e as implicações do estudo da obra de Winnicott na França, introduzido por Jacques Lacan, escreve a autora:

A partir de 1970, os terapeutas lacanianos da quarta geração começam a descobrir, com retardo em relação às outras sociedades, a existência de doutrinas a que até então haviam permanecido insensíveis: a obra de D.W.Winnicott, por exemplo, traduzida na França nessa época, traz uma representação da clínica que pode servir de contrapeso ao lacanismo dogmático, ao mesmo tempo que uma abertura generalizada para o pluralismo domina a cena psicanalítica francesa. (p. 500)

E mais adiante, assinalando uma certa incoerência entre a prática clínica, as inovações teóricas, a afinidade com Lacan e uma postura institucional aparentemente

conservadora e politicamente determinada, em Winnicott, a qual o levaria a endossar a posição da IPA com relação à SFP, acrescenta Roudinesco:

Como não se produz na Inglaterra nenhum processo secessivo, Winnicott aceita submeter-se “oficialmente” às regras admitidas, muito embora sua prática dos tratamentos não se conforme aos critérios impostos. Na Grã-Bretanha, a obediência “formal” conta mais que uma confissão de insubmissão. Eis porque, em 1953, embora captando a importância dos trabalhos de Dolto, Winnicott faz o jogo da normatização: recrimina sua interlocutora pelo aspecto “carismático” de sua figura. Embora renegue “oficialmente” o suposto “carisma” dos mestres, Winnicott se torna, no seio de sua própria sociedade, um verdadeiro chefe de escola. Interessa-se muito pela obra de Lacan, e este pela dele: um vínculo une seus respectivos trabalhos e diz respeito à relação *objetal*: *objeto transicional* para o inglês, *objeto a* para o francês. (p. 528)

No seu *Dicionário de psicanálise*, porém, é o lugar onde E. Roudinesco parece ter conseguido caracterizar com maior amplitude, fidelidade e profundidade a personalidade de Winnicott e a importância de sua obra no contexto da contemporaneidade psicanalítica. É no verbete *Winnicott, Donald Woods* (p. 783) que ela melhor descreve e legitimamente sustenta a posição teórica e política de Winnicott, o autor e o homem, quando afirma:

Sua técnica psicanalítica sempre esteve em contradição com os padrões da International Psychoanalytical Association (IPA). Winnicott não respeitava nem a neutralidade nem a duração das sessões, e não hesitava, na linhagem da herança ferencziana, em manter relações de amizade calorosa com seus pacientes, reencontrando sempre a criança neles e em si mesmo. ... Esse não conformismo, essa ausência de ortodoxia nunca lhe foram realmente reprovados por seus colegas da BPS. Em suas *Lettres vives*<sup>10</sup>, publicadas depois de sua morte, descobre-se até que ponto ele soube descrever a esclerose que atingia a BPS, à qual pertencia.

E assinalando, tanto afinidade teórica (no sentido da complementaridade derri-deana) quanto o irredentismo destas duas almas que se fenomenalizavam de forma tão diversa – o que apontamos já em diferentes oportunidades – concede a Winnicott o que é de Winnicott dando a Lacan o que é de Lacan:

A partir de sua experiência terapêutica, Winnicott transmitiu um ideia de “não-ruptura” que repercutiu em suas posições institucionais. Em sua ótica,

10 Título com o qual as cartas reunidas em *The spontaneous gesture* (1987) foram publicada em Paris, pela Gallimard, em 1989.

nenhuma instituição era melhor ou pior do que outra, pois todas dependiam do fingimento e só a instauração de um justo meio podia favorecer a expressão do verdadeiro. Preservação das aparências, salvaguarda de uma posição “transicional”, distanciamento crítico, ceticismo apaixonado: essas foram as escolhas de Winnicott, que preferiu criticar a instituição psicanalítica a partir de seu interior a separar-se dela. Diante de Ernest Jones, e muitas vezes contra ele, foi a própria encarnação da situação inglesa da psicanálise. Sua posição, nesse ponto, está apenas em aparente oposição com a de Jacques Lacan, que, por sua vez, não cessaria de colocar em ato, às vezes sem querer, uma prática de ruptura, de cisão e de reformulação, como se a arte da revolução permanente fosse, na situação francesa, o único caminho possível. (p. 785)

Sempre que se refere à situação da psicanálise francesa em meados do século XX e à participação de Winnicott na intervenção da IPA em Paris, Roudinesco insiste, de outra parte, em aludir (como que numa crítica velada) à restrição de Winnicott às peculiaridades da prática clínica e às idiossincrasias pessoais de Françoise Dolto (a respeito do que pareceu haver na época um tácito consenso). É importante ter algum cuidado, entretanto, em distinguir aquilo que afetiva e intelectualmente aproximava Lacan e Winnicott, fazendo destes interlocutores eventuais, das impressões, sentimentos ou juízos que estiveram presentes no relatório de Winnicott com relação a outros analistas por ocasião da primeira intervenção da IPA na SFP. Lacan e Winnicott são os dois mais criativos e relevantes autores psicanalíticos de orientação freudiana, e suas obras apenas podem ser comparadas na medida da importância do seu potencial de renovação heurística e conceitual. Situar no mesmo plano uma analista – de inquestionável intuição clínica, mas sem obra teórica original – como Françoise Dolto<sup>11</sup> (que misturava perigosamente formulações lacanianas e annafreudianas com alguns coelhos que tirava da própria cartola e não assentava suficientemente bem no chão/*ground*), é desconhecer a excelência dos autores indicados e desconsiderar o seu grau de implicação ponderal no advento das grandes descobertas e das novas categorias psicanalíticas engendradas na segunda metade do século XX.

A tentativa que aqui empreendemos de penetrar nas suscetibilidades e sinuosidades subjetivas destes dois gigantes do pensamento psicanalítico ensaia trazer à luz as paixões, os padecimentos, os triunfos e penhores implicados no desdobramento de duas existências – eventualmente trágicas – exaustivamente dedicadas, sem cuidados ou reservas (as mortes de Lacan e Winnicott atestam estas negligências), à extração de novas pepitas de ouro nos antigos veios de mineração do conhecimento que permitiu a consolidação das bases do saber psicanalítico contemporâneo. Sem desmerecer o esforço cotidiano de cada autor (mais ou menos expressivo) para

11 Equívoco no qual incorre Gérard Gillerault em *Dolto/Winnicott – Lè bébé dans la psychanalyse*, Gallimard, 2007.

acrescentar um ladrilho a mais nessa grande obra de mutirão que acaba de completar cem anos (esforço do qual o presente autor tem a pretensão de participar), é conveniente distinguir o trigo e joio na coleta das fontes de uma doutrina em devir a fim de que este empenho construtivo não redunde em desperdício e dispersão. A obra de Freud é um manancial inesgotável para o trabalho de desconstrução – no sentido derrideano – efetuado pelas releituras, tanto o empreendido pelos dois autores que ora homenageamos quanto o que será ainda realizado pelas gerações futuras. Insistir neste ponto não significa recorrer uma vez mais às palavras do pai para legitimar as nossas palavras ou para refutar o argumento *ad hominem* dirigido com frequência a Freud, Winnicott ou Lacan, mas em preservar o corpo vivo, o *isso* de um saber fecundo que por muito tempo, tudo indica, ainda *dará o que falar*.

### La carta tardada: hacia un enfoque crítico-semiológico de la correspondencia Winnicott-Lacan

Resumen: Este ensayo crítico circunscribe un intercambio de cartas entre Lacan y Winnicott en los principios de los años 1960, decisivos para la resolución de un impasse político-administrativo que se había prolongado durante siete años, produciendo aumento de la tensión en la relación de la Sociedad Psicoanalítica Francesa – el resultado de la ruptura grupo liderado por Jacques Lacan – con la Asociación Psicoanalítica Internacional, buscando llamar la atención sobre los significados elíptica y transversalmente involucrados en estos escritos – verdaderos hipertextos – que marcan dos posiciones institucionales distintas atravesadas por un elemento de pasión disfrazada de amabilidad mutua y de referencias protocolares.

Winnicott; Lacan; correspondencia; crítica semiológica; connotación; sentido; especularidad.

### The delayed letter: toward a critical-semiological approach of Winnicott-Lacan's correspondence

Abstract: This critical essay has as limit an exchange of letters between Lacan and Winnicott in the early 60's, the decisive years for the resolution of a political-administrative impasse that had dragged on for seven years, producing increased tension in the relationship of the French Psychoanalytic Society – the result of the rupture group led by Jacques Lacan – with the International Psychoanalytic Association, seeking to draw attention to the meanings transversely and elliptical involved in these writings – real hypertexts – which mark two distinct institutional positions traversed by only one element of passion disguised by mutual kindnesses and the references protocol.

Winnicott; Lacan; correspondence; critical semiotics; connotation; sense; mirroring.



## Referências

- Barthes, R. (1970). *S/Z – uma análise da novela Sarrazine de Balzac*. Nova Fronteira.
- Barthes, R. (1982). *Lo obvio y lo obtuso*. Buenos Aires: Paidós.
- Deleuze, G. (1993). *Crítica e clínica*. São Paulo: Ed. 34.
- Gillerault, G. (2007). *Dolto/Winnicott – Lê bébé dans la psychanalyse*. Paris: Gallimard.
- Graña, R. B. (2005). Tradução da Carta de Jacques Lacan a Donald W. Winnicott, de 5/8/1960. *Natureza Humana*, 7 (2).
- Lacan, J. (1966a). *Écrits II*. (p. 88). Paris: Seuil.
- Lacan, J. (1966b). À la mémoire d'Ernest Jones: Sur sa théorie du symbolisme. *Écrits II*. Paris: Seuil.
- Lacan, J. (1994). *La relation d'objet. Le Seminaire – Livre IV (1956-1957)*. Paris: Seuil.
- Lacan, J. (1969). O ato psicanalítico: resumo do Seminário de 1967-1968. In J. Lacan, *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1999a). Fonction et champ de la parole et du langage em psychanalyse. *Écrits I*. Paris: Seuil, (Trabalho original publicado em 1953)
- Lacan, J. (1999b). La direction de la cure et lês principes de son pouvoir. (1966) *Écrits II*. Paris: Seuil. (Trabalho original publicado em 1958)
- Perrier, F. (1987). *Viagens extraordinárias pela Translacânia*. São Paulo: Papirus.
- Rodman, F. R. (1987). *Lettres vives*. Paris: Gallimard.
- Rodman, F. R. (1987). *The Spontaneous Gesture: selected letters of D.W. Winnicott*. London: Harvard University Press.
- Roudinesco, E. & Plon, M. (1997). *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Roudinesco, E. (1986) *História da psicanálise na França: a batalha dos cem anos: 1925-1985*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Roudinesco, E. (1993). *Jacques Lacan – esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento*. São Paulo: Cia das Letras
- Winnicott, D. W. (1951). Transitional Objects and transitional phenomena. In D. W. Winnicott *Trough Paediatrics to Psycho-Analysis*. New York: Brunner/Mazel.

Roberto Barberena Graña  
Rua Prof. Annes Dias, 154/1201 – Centro  
90020-090 Porto Alegre, RS  
rbgranha@gmail.com

